

ARTE, MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE NO SEMIÁRIDO

Elisson Brenno Gil Barbosa¹
Luiz Henrique de Melo Silva²
Isabela Barbosa Rodrigues³
Caroline Moreira Bacurau⁴

RESUMO

Este artigo apresenta a experiência formativa vivenciada por dois licenciandos bolsistas do PIBID entre fevereiro e junho de 2025, no Colégio Estadual Professor Artur Oliveira da Silva, localizado no bairro Quidé, em Juazeiro (BA). Inseridos em um contexto rico culturalmente, mas carente de infraestrutura, os bolsistas desenvolveram oficinas de Artes Visuais, com foco no território, nas tradições locais e no protagonismo estudantil. A prática buscou valorizar os saberes dos alunos e promover uma educação crítica, sensível e comprometida com a realidade social. A experiência contribuiu para a construção de uma prática docente mais consciente, criativa e transformadora.

Palavras-chave: Educação; Abordagem Triangular; Docência; Artes Visuais.

INTRODUÇÃO

No período de fevereiro até junho de 2025, vivenciamos uma rica experiência como bolsistas do PIBID no Colégio Estadual Professor Artur Oliveira da Silva, situada no bairro Quidé, em Juazeiro (BA). Atuamos como um grupo de quatro licenciandos, em um contexto educativo marcado por desafios, mas também por uma imensa potência criativa e cultural. O Quidé, bairro próximo às margens do rio São Francisco, traz em sua paisagem física e simbólica elementos típicos do semiárido nordestino, bem como saberes populares, tradições orais e uma forte relação com o território.

No entanto, ainda é uma região que carece muito de estruturas básicas da gestão do governo. Foi nesse cenário que iniciamos e desenvolvemos nossa prática docente, buscando as melhores formas de articular o conteúdo escolar com a vivência local dos estudantes. Ao

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, elisson.barbosa@discente.univasf.edu.br;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, luiz.melo@discente.univasf.edu.br;

³ Professora Adjunta da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Doutora em Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal, isabela.barbosa@univasf.edu.br;

⁴ Professora efetiva do estado da BAHIA, caroline_bacurau@hotmail.com.





longo desses meses, nosso principal objetivo foi estimular o olhar crítico e sensível dos alunos para a realidade em que vivem, valorizando suas raízes, suas histórias e o ambiente ao seu redor, o Semiárido Brasileiro. Para isso, utilizamos vídeos e apresentações em slides como recursos de apoio para ampliar o repertório visual e facilitar o processo de construção coletiva de conhecimento. Criamos e aplicamos oficinas de colagem, pintura, construção de maquetes, criação de máscaras com a técnica de papietagem e arte postal, sempre orientadas por um tema central e por nossa supervisora e professora Caroline Moreira Bacurau, o semiárido, as lendas locais, os elementos do Nordeste e a presença marcante do Velho Chico.

Nessa vivência, percebemos que ensinar Arte no Semiárido exige muito mais do que dominar técnicas ou conteúdos: requer sensibilidade para compreender as condições sociais e afetivas dos estudantes, bem como criatividade para adaptar os recursos disponíveis à realidade local. A cada encontro, o diálogo com os alunos nos mostrava o quanto o aprendizado pode florescer mesmo em contextos de escassez, quando há valorização da cultura e da expressão individual. Assim, nossa formação docente se consolidou como um processo de troca e construção mútua, em que aprendemos tanto quanto ensinamos.

METODOLOGIA

Além das oficinas, participamos ativamente do AVE – Projetos Estruturantes, tanto orientando no processo de criação de algumas obras com os alunos, quanto na composição do júri avaliador. Essa participação nos permitiu compreender melhor a dimensão formativa do evento e o impacto positivo que ele tem na autoestima e no protagonismo dos estudantes. Estar presente nesse espaço é um reforço à nossa motivação como futuros educadores, pois acreditamos que uma educação sensível ao território e aberta às linguagens artísticas tem um papel fundamental na construção de sujeitos críticos, criativos e conscientes de seu papel na sociedade. Ao longo da nossa atuação, desenvolvemos um processo metodológico pautado na Abordagem Triangular no Ensino das Artes, que orientou todas as oficinas e atividades propostas. Essa metodologia, que integra os pilares da *Contextualização*, *Apreciação* e *Fazer Artístico*, permitiu-nos estruturar o ensino de Artes de forma crítica, criativa e significativa. Iniciamos cada oficina com uma etapa de pesquisa e contextualização do tema, buscando referências visuais, artísticas e conceituais que auxiliassem na construção do conteúdo. Esse





material era organizado em slides, que nos serviam de apoio durante a fase de apreciação, momento em que promovíamos a leitura e análise crítica das imagens com os alunos, incentivando a fruição e a escuta sensível.

Consequentemente, partíamos para o fazer artístico, propondo uma atividade prática na qual os estudantes pudessem experimentar materiais, linguagens e técnicas, expressando de forma autêntica e criativa aquilo que haviam construído como conhecimento. As atividades foram definidas com base nas orientações da supervisora e orientadora, no conteúdo do livro didático Mosaico Arte, e em documentos conforme as Diretrizes Curriculares Referenciais da Bahia, utilizados por cada turma, sempre buscando integrar as propostas do PIBID aos conteúdos estudados. A partir dessas diretrizes, iniciamos a criação dos materiais de apoio para as oficinas temáticas. As oficinas eram então realizadas em sala ou em outros espaços da escola, conforme a necessidade de cada atividade. Durante as práticas, acompanhamos os alunos de perto, oferecendo suporte, tirando dúvidas e mediando os processos de criação. Ao final, juntamente com a supervisora, avaliamos os resultados e o envolvimento dos estudantes em cada proposta.

Mesmo diante de limitações materiais e estruturais, encontramos nas artes visuais uma possibilidade concreta de superação e diálogo. O ato de criar, pintar, colar e construir se transformou em uma forma de resistência diante das dificuldades cotidianas. Muitos alunos relataram nunca terem tido acesso a tintas, pincéis ou papéis de qualidade, e ver a empolgação deles diante desses materiais foi um lembrete da importância de garantir o direito à arte como parte fundamental da educação. A cada oficina, percebíamos o quanto o processo artístico despertava autoestima e pertencimento nos estudantes.

Durante as atividades, aprendemos que o papel do educador vai além do planejamento e da execução das oficinas. É preciso escutar os estudantes, observar seus gestos, respeitar seus silêncios e reconhecer seus modos próprios de aprender. Essa escuta ativa foi essencial para percebermos as diferentes formas de expressão presentes nas turmas - desde os alunos mais comunicativos até aqueles com mais dificuldades de socialização ou aprendizagem. Cada gesto criativo foi entendido como uma forma de comunicação e, por isso, valorizado como parte do processo educativo.

Participaram das atividades todas as turmas da disciplina de Artes sob responsabilidade da supervisora: Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), nos turnos matutino e



vespertino, e Ensino Médio (1º e 2º anos), também em ambos os turnos. Os 3º anos do Ensino Médio não possuem a disciplina de Artes em sua grade curricular, por isso não participaram. Todas as atividades foram desenvolvidas exclusivamente com os alunos da escola, sem envolvimento de público externo.

Entre as oficinas desenvolvidas, destacam-se: a contextualização do semiárido, com exibição dos documentários “Assentamento Terra da Liberdade, falta água nesse chão” e “Caatinga Vive”, jogos interativos, slides e produção de mapas temáticos; a oficina de Arte Postal, com apresentação de vídeos, referências de artistas, e criação de peças com papel Craft; a papietagem, em que criamos máscaras, usamos vídeos e referências visuais e produzimos material de apoio em slides. Para todas essas atividades, utilizamos materiais diversos, como: tintas, pincéis, colas, tesouras, papel Craft, sulfite, lápis de cor, giz de cera, estiletes, balões, materiais recicláveis, telas para pintura, entre outros.



Imagem 1. Resultado da oficina de Papietagem - Lendas regionais do Vale do Rio São Francisco, realizada nos 2º anos do ensino médio.





REFERENCIAL TEÓRICO

As produções pedagógicas desenvolvidas neste trabalho foram fundamentadas na Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa (2010), articulada aos princípios da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire (1996). Essa combinação teórica orientou nossas ações no sentido de promover uma prática docente crítica, inclusiva e sensível ao contexto social em que a escola está inserida. Tomamos o Semiárido Nordestino brasileiro como norte para as pesquisas e construções pedagógicas, reconhecendo-o como um território fértil de saberes, histórias e manifestações culturais que inspiraram nossas oficinas, atividades e reflexões. Compreendemos que, em regiões periféricas como o bairro Quidé, os desafios educacionais são ampliados pelas condições socioeconômicas, pela limitação de recursos e pelas múltiplas realidades dos alunos, entre eles estudantes com deficiência (PCD) ou com dificuldades específicas de aprendizagem. A partir desse reconhecimento, buscamos adaptar as metodologias de ensino para favorecer a acessibilidade, a valorização das experiências de vida e o protagonismo dos estudantes, transformando a sala de aula em um espaço de escuta e de criação coletiva. Assim, o fazer artístico foi compreendido como um instrumento de expressão, identidade e emancipação, em consonância com os princípios freireanos de diálogo e construção compartilhada do conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa principal estratégia foi adaptar a linguagem e a abordagem de acordo com a faixa etária das turmas, tornando o conteúdo mais acessível e estimulando a participação ativa dos alunos. Embora não tenhamos estabelecido parcerias fixas com outros professores ou profissionais, contamos com o apoio dos docentes da escola em datas comemorativas, quando se disponibilizaram a colaborar nas atividades extras. No mais, todo o trabalho foi conduzido por nós, em conjunto com a supervisora responsável pela disciplina de Artes e por nossa orientadora do PIBID.

A aproximação entre os bolsistas e os estudantes gerou um ambiente de confiança e afeto que foi essencial para o desenvolvimento das atividades. Notamos que, ao se sentirem ouvidos e reconhecidos, os alunos passaram a se expressar com mais segurança e entusiasmo.





Essa transformação, embora sutil, revelou o poder da arte como mediadora de vínculos e ferramenta para o fortalecimento da autoestima. Ao longo do projeto, também observamos avanços significativos na cooperação entre os colegas e no respeito às diferenças, elementos fundamentais para uma prática inclusiva e cidadã.

A experiência que vivenciamos entre esse período foi profundamente significativa em nossa formação docente, pois estar inseridos em um contexto social e cultural tão rico, ainda que marcado por limitações estruturais, nos proporcionou uma vivência real da complexidade e da potência da escola pública brasileira. Foi nesse espaço, repleto de desafios e de criatividade, que pudemos amadurecer e alimentar nossa compreensão sobre o papel do educador, não apenas como transmissor de conteúdos, mas como agente de escuta, diálogo e transformação.

Usamos de nosso repertório de metodologia para estruturar ações que valorizassem os saberes prévios dos alunos, ao mesmo tempo em que ampliaram seu repertório estético e crítico. As temáticas escolhidas, como o semiárido, o rio São Francisco e as lendas locais, revelaram-se férteis para estimular a expressão individual e coletiva dos estudantes, uma vez que estão inseridos nesse contexto, fortalecendo o vínculo entre escola, território e identidade cultural. Além das oficinas, nossa participação no projeto AVE, e em eventos comemorativos da escola nos ofereceu a oportunidade de compreender o impacto positivo que ações pedagógicas integradas à arte podem ter na autoestima e no protagonismo dos alunos, também nos ajudou a compreender e a visualizar a escola como um todo, desde os funcionários aos alunos.

Acompanhamos de perto seus processos criativos, suas descobertas, seus laços entre estudantes e escola e sua capacidade de ressignificar o mundo ao seu redor por meio da linguagem artística. Essa vivência nos ensinou que a docência se constrói no cotidiano, por meio da escuta, da observação atenta, da troca constante e do respeito às trajetórias individuais de cada estudante, para além daqueles que estamos acostumados, incluindo suas dificuldades e limitações.



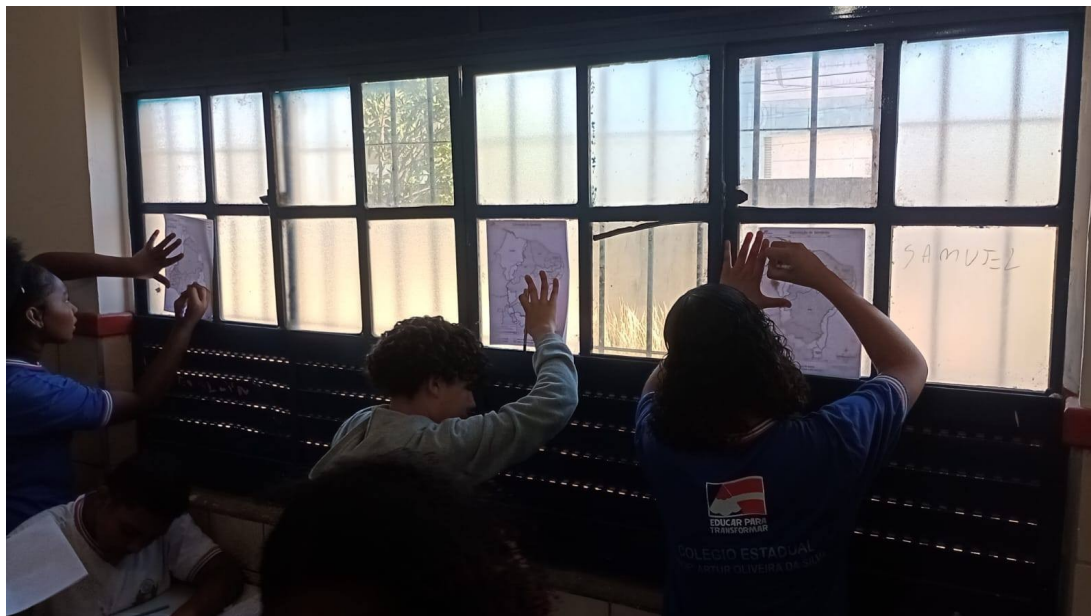


Imagem 2. Estudantes utilizando da luz e transparência da folha para fazer a transferência do mapa cartográfico.



Imagem 3. Pintura com técnica mista de um estudante para o AVE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





Aprendemos a planejar com intencionalidade, adaptando estratégias de acordo com as faixas etárias, turmas, turnos e interagindo com diferentes espaços e dinâmicas escolares. Ressaltamos a importância de uma educação sensível à cultura local, aberta à arte e comprometida com a realidade dos sujeitos, pois acreditamos que essa abordagem é capaz de formar cidadãos mais críticos, criativos e conscientes de seu papel social. Como afirmou Paulo Freire em 1996, ensinar não é simplesmente transferir conhecimento, mas criar possibilidades para que os indivíduos possam produzir e construir seu próprio saber. Essa perspectiva orientou nossas ações ao longo do projeto, promovendo a autonomia, a escuta ativa e a construção coletiva do conhecimento, sempre dialogando com a realidade dos alunos.

Com base nessa experiência, sugerimos a continuidade e o fortalecimento de programas como o PIBID, que promovem uma aproximação concreta entre universidade e escola, entre teoria e prática. Acreditamos que seria extremamente proveitoso ampliar o diálogo com docentes de diferentes áreas e incentivar projetos interdisciplinares. Além disso, é fundamental criar espaços de escuta e participação para toda a comunidade escolar, independentemente do contexto. Com essas melhorias, poderemos promover uma educação mais inclusiva, participativa e alinhada às necessidades reais dos estudantes e da comunidade, contribuindo para o desenvolvimento de uma sociedade mais crítica e consciente. construir uma educação ainda mais inclusiva, significativa e transformadora.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), o Ministério da Educação (MEC), e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela iniciativa do programa e, resultante, nos proporcionar essa experiência. Agradecemos a UNIVASF, pelo acolhimento, a nossa coordenadora, Isabela Barbosa Rodrigues e a nossa supervisora, Caroline Moreira Bacurau, por nos guiar nessa jornada.

REFERÊNCIAS





FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda da. *Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

BAHIA. Secretaria da Educação. *Documento Curricular Referencial da Bahia para Educação Infantil e Ensino Fundamental*. v. 1. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

MEIRA, Béa; PRESTO, Rafael; SOTER, Silvia; MACHADO, Taiana. *Mosaico Arte: ancestralidade: 9º ano*. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2022.

CANAN, S. R. PIBID: promoção e valorização da formação docente no âmbito da Política Nacional de Formação de Professores. *Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, v. 4, n. 6, p. 24–43, 2018.

ASSENTAMENTO TERRA DA LIBERDADE: falta água nesse chão. [Documentário]. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hos6vMYz4cI>>. Acesso em: 29 jun. 2025.

A CAATINGA VIVE! [Documentário]. 2022. Disponível em: <<https://cinecaatinga.com.br/filmes/a-caatinga-vive>>. Acesso em: 30 jun. 2025.

